

Entre Gestell e Ereignis. A técnica como destino e acontecimento na história do ser

Between Gestell and Ereignis.
Technology as Destiny and Event in the History of Being

ANTONIO JOEL LIMA DA SILVA
(Universidade Federal do Pará)

Resumo: Este artigo examina a relação entre técnica, metafísica e acontecimento no pensamento tardio de Martin Heidegger, articulando a passagem da vontade de poder nietzschiana ao *Gestell* como desdobramento decisivo da história do ser. Argumenta-se que a técnica moderna não configura apenas um conjunto de instrumentos, mas um modo epocal de desvelamento que reduz o ente à condição de disponibilidade e cálculo. Contudo, esse fechamento revela também seu limite intrínseco, abrindo caminho para o *Ereignis* como possibilidade de outro início. Destarte, pretende-se demonstrar que o aparecer enquanto acontecimento pertencente a abertura de tempo do *Ereignis*, excede toda forma de objetificação técnica. Assim, a técnica é compreendida simultaneamente como perigo e ocasião de transformação ontológica, na qual o homem pode reencontrar seu pertencimento ao ser. O estudo propõe, enfim, que o destino técnico do Ocidente prepara para a emergência de um pensamento não-calculador.

Palavras chave: técnica, Ereignis, Gestell, fenomenologia

Abstract: This article examines the relationship between technique, metaphysics, and event in the later thought of Martin Heidegger, articulating the passage from Nietzschean will to power to the *Gestell* as a decisive unfolding in the history of being. It argues that modern technology is not merely a set of instruments, but an epochal mode of unveiling that reduces being to the condition of availability and calculation. However, this closure also reveals its intrinsic limit, opening the way for *Ereignis* as the possibility of another beginning. Thus, it aims to demonstrate that appearing as an event belonging to the temporal openness of *Ereignis* exceeds all forms of technical objectification. Therefore, technology is understood simultaneously as a danger and an occasion for ontological transformation, in which humankind can rediscover its belonging to being. Finally, the study proposes that the technical destiny of the West prepares the emergence of a non-calculating thought.

Palabras clave: technology, Ereignis, Gestell, phenomenology

1. Introdução

A reflexão filosófica sobre a técnica ocupa lugar central no pensamento tardio de Martin Heidegger, constituindo um dos eixos interpretativos mais influentes do debate contemporâneo acerca do destino do Ocidente. Longe de compreendê-la como mero conjunto de instrumentos ou como fenômeno sociológico, Heidegger situa a técnica moderna no horizonte da história do ser, insistindo que sua essência “não é absolutamente nada de técnico”. A técnica, enquanto *Gestell*, corresponde a um modo de desvelamento no qual o real se apresenta como fundo de reserva, disponível, manipulável, calculável. Nesse sentido, ela não é simples artefato humano, mas o envio epocal através do qual o ser determina como o ente pode aparecer.

O caminho até essa formulação passa necessariamente por Nietzsche. Para Heidegger, a vontade de poder representa o ponto culminante da metafísica ocidental, pois converte todo o real em intensificação, valoração e força — isto é, em disponibilidade. A consumação da metafísica nietzschiana prepara, assim, o terreno para o mundo técnico, no qual o ente se estabiliza exclusivamente como recurso. Contudo, se a técnica radicaliza o esquecimento do ser, ela também o exhibe de modo singular. Nesses termos, pode-se entender que o fechamento técnico não esgota o aparecer; ao contrário, revela seu limite intrínseco e expõe a insuficiência da lógica representacional que domina o Ocidente desde Platão.

É nesse ponto que emerge o *Ereignis* como “acontecimento-apropriativo”, sendo assim, importante compreender que ele não constitui uma oposição externa ao *Gestell*, mas sua possibilidade mais profunda. No *Ereignis*, o ser se dá como retração e doação, convocando o homem a uma escuta não-calculadora. O humano deixa de operar como agente funcional e reencontra, na linguagem, a possibilidade de guardar a abertura. Assim, o *Ereignis* não supera tecnicamente a técnica: ele transforma o lugar a partir do qual seu sentido pode ser pensado.

Dessa forma, a técnica pode ser compreendida simultaneamente como perigo e ocasião. Perigo, porque reduz o real à disponibilidade; ocasião, porque torna visível a necessidade de um outro início. Esse outro início é o *Ereignis*: o acontecimento em que homem e ser se pertencem mutuamente. Pensar a técnica hoje é, portanto, pensar as condições desse pertencimento — e, com isso, interrogar o futuro do próprio Ocidente.

2. Heidegger leitor de Nietzsche: a consumação da metafísica

A interpretação heideggeriana de Nietzsche constitui um eixo decisivo para compreender o diagnóstico ontológico do Ocidente, sobretudo no que diz respeito ao fechamento da metafísica e à emergência da técnica moderna. Logo no início de *Nietzsche II*, Capítulo VI, Heidegger formula a tese que orienta sua leitura: “em conformidade com todo o pensamento do Ocidente desde Platão, o pensamento de Nietzsche é metafísico” (Heidegger, 2007, p, 195). Com essa afirmação, ele desloca Nietzsche da posição de crítico da metafísica

— interpretação dominante ao longo do século XX — para situá-lo como aquele que conduz a tradição a seu limite extremo. Nesse sentido, Heidegger, em *Nietzsche I*, afirma que Nietzsche “retorna ao início do pensamento grego, assume esse início à sua maneira e assim fecha o anel formado pelo curso do questionamento sobre o ente como tal na totalidade” (Heidegger, 2010, p. 362).

A consumação ocorre, segundo Heidegger, porque Nietzsche pensa o ser do ente em chave de vontade de poder. Aquilo que aparece como ruptura — a crítica nietzschiana aos valores, ao sujeito e à verdade — é, para Heidegger, a radicalização última da própria estrutura metafísica. A vontade de poder transforma o ente em objeto de cálculo, de intensificação e de valor; converte o real em força manipulável; e assim reafirma, de maneira mais aguda, a primazia do ente sobre o sentido do ser. Daí a fórmula heideggeriana que estrutura toda a confrontação: Nietzsche não supera a metafísica — ele a consoma.

Entretanto, essa leitura não permanece incontestada. Entre os críticos mais influentes está Müller-Lauter, cujo argumento incide sobre a ontologia plural da vontade de poder. Para ele, “a vontade de poder é a multiplicidade das forças em combate umas com as outras” e “seria absurdo pensar a força em singular; o ser da força é plural” (Müller-Lauter, 1997, p. 52). A heterogeneidade das forças impede a interpretação de Nietzsche como pensador de uma essência unificada. A crítica atinge em cheio o núcleo da leitura heideggeriana, pois sugere que a vontade de poder não pode funcionar como último nome da metafísica, já que não constitui um princípio unificador, mas um campo móvel de tensões.

Heidegger, porém, não fundamenta sua leitura no plano psicológico ou fisiológico da doutrina nietzschiana, mas no que ela realiza no interior da história do ser. Assim, quando afirma em *A questão da técnica* que o *Gestell* é o modo de desvelamento que dispõe o real como reserva (*Bestand*) (Heidegger, 2007), ele não está apenas descrevendo a modernidade técnica: está iluminando como a vontade de poder prepara ontologicamente essa configuração. A *Machenschaft* — conceito central nas aulas sobre Nietzsche — expressa a mobilização total do ente enquanto fundo de operação, antecipando estruturalmente o que, mais tarde, aparecerá como *Gestell*. A consumação nietzschiana, portanto, torna explícito o movimento histórico pelo qual o ente se torna completamente manipulável.

Para Gianni Vattimo (1988), Nietzsche realiza um pensamento do ser que abandonou a metafísica. A técnica, nesse quadro, não aparece como consumação metafísica, mas como momento de enfraquecimento ontológico — um deslocamento que integra o niilismo nietzschiano e o pensamento heideggeriano da superação do fundamento. A técnica seria a expressão histórica desse enfraquecimento, e não o fechamento definitivo da metafísica.

Heidegger, contudo, mantém sua linha interpretativa que pensa a filosofia de Nietzsche como a consumação da metafísica, conforme foi indicado no começo desta seção (Heidegger, 2007). A vontade de poder torna-se o nome do último modo de pensar o ser do ente; o eterno retorno, sua forma extrema de temporalização; e ambos convergem para a estrutura técnica da modernidade. Nietzsche aparece, assim, como o pensador que leva a tradição ao seu ponto de saturação.

Ainda assim, Heidegger reconhece a força própria do pensamento nietzschiano que reúne e consome a tradição do pensamento ocidental até então, conforme um aspecto decisivo. À vista disso, a consumação não é mera negatividade, mas abertura para a possibilidade de um novo início — um início liberado da representação e enraizado no *Erveignis*. A confrontação com Nietzsche torna-se, assim, condição hermenêutica indispensável para repensar o destino do Ocidente.

Esse campo interpretativo, marcado por tensões entre Heidegger, Nietzsche e seus comentadores, revela a reconfiguração ontológica que define o pensamento contemporâneo. Vattimo observa que ambos “participam do processo que culmina no abandono do ser enquanto fundamento absoluto” (Vattimo citado por Maia, 2015, p. 22). A técnica, portanto, não é apenas perigo — é também sintoma de transformação histórica que prepara o terreno para outro modo de pensar.

Ao ler Nietzsche, Heidegger lê a história do Ocidente. E, ao fazê-lo, entende que a consumação metafísica, expressa na vontade de poder e culminada no *Gestell*, não encerra o pensamento: antes, marca o limiar crítico no qual outro envio do ser pode emergir. A confrontação com Nietzsche, por isso, não é episódio exegético, mas gesto filosófico fundamental para pensar a técnica, a metafísica e a possibilidade de um novo início.

Dessa forma, a leitura heideggeriana de Nietzsche não apenas delimita o sentido da consumação metafísica, mas prepara o terreno para compreender como essa consumação se traduz ontologicamente no advento da técnica moderna. A vontade de poder, ao reduzir o ente à mobilização total, revela o horizonte no qual o *Gestell* pode emergir como forma histórica de desvelamento. É justamente essa passagem — do pensamento nietzschiano à estrutura técnica da modernidade — que a próxima seção examina, mostrando como o fechamento metafísico se converte no enquadramento planetário do real.

3. Da vontade de poder ao Gestell: a transição histórico-ontológica para o mundo técnico

A passagem da vontade de poder ao *Gestell* constitui uma das articulações centrais da ontologia heideggeriana da história do ser. Não se trata de mera aproximação temática entre Nietzsche e a técnica moderna, mas da identificação de um movimento interno da metafísica ocidental, pelo qual a mobilização total do ente — pensada por Nietzsche — encontra sua configuração histórica mais acabada na técnica. Em *A questão da técnica*, Heidegger afirma que a técnica moderna é um modo de desvelamento (*Entbergen*) no qual o real se apresenta como depósito/estoque (*Bestand*) (Heidegger, 2007). Esse desvelamento convoca o ente a uma disponibilidade que o transforma em fundo operacional. Assim, a técnica não apenas utiliza o ente: ela o *define* ontologicamente. É nesse ponto que a crítica a Nietzsche se torna decisiva, pois a consumação metafísica realizada pela vontade de poder prepara exatamente esse horizonte de disponibilidade planetária.

A leitura de Karl Löwith ajuda a explicitar essa convergência. Para ele, Nietzsche não supera a metafísica, mas leva ao limite o processo de inversão e radicalização dos valores (Löwith, 2014). O eterno retorno expressa, em sua interpretação, a forma extrema de fechamento do ente sobre si mesmo, na qual valor, força e intensidade substituem qualquer referência ao ser. Heidegger se alinha a esse diagnóstico, embora lhe dê alcance ontológico mais radical: o pensamento nietzschiano não apenas completa a metafísica — ele torna explícita sua estrutura de fundo, abrindo caminho para a era técnica como destino preparatório.

A crítica de Müller-Lauter, conforme já citamos anteriormente, aprofunda o problema. Ao insistir que “a vontade de poder é a multiplicidade das forças em combate” e que “o ser da força é plural” (Müller-Lauter, 1997, p. 52), ele contesta a leitura heideggeriana de Nietzsche como pensador de um princípio unificado. Contudo, é precisamente essa pluralidade que, aos olhos de Heidegger, revela o caráter metafísico da vontade de poder: mesmo a multiplicidade de forças, quando interpretada como estrutura fundamental, converte-se em horizonte total de disponibilidade. Assim, a ontologia plural nietzschiana pode ser lida, na chave heideggeriana, como expressão final do pensamento da mobilização do ente — uma lógica que, em seu esgotamento, conduz ao *Gestell*.

É nesse ponto que a técnica moderna se mostra como a verdade da metafísica. Heidegger declara que “a essência da técnica moderna não é absolutamente nada de técnico” (Heidegger, 2007, 385): ela é um envio histórico, um modo de desvelamento no qual tudo deve ser produzido, acumulado, transformado e previsto. A modernidade não se define pela invenção de máquinas, mas pelo processo ontológico que as torna possíveis. Em *Contribuciones a la filosofía (Del acontecimiento)* ele descreve esse processo como domínio da “maquinação” (*Machenschaft*), época marcada pelo gigantismo, pela aceleração e pela redução do ente à manipulação (Heidegger, 1989). A maquinação não é a técnica, mas sua pré-história ontológica: o campo no qual o real já se encontra mobilizado.

O núcleo crítico dessa interpretação reside na tensão entre perigo e possibilidade. Em *The Turning*, Heidegger afirma que onde o perigo cresce, cresce da mesma forma o que salva (Heidegger, 1968). O perigo consiste no fechamento completo do ser, quando o *Gestell* transforma o ente em mero recurso. Mas é nesse fechamento que se anuncia também a possibilidade de outro início: a emergência do *Ereignis* como abertura que interrompe a lógica da operação. A consumação da metafísica, portanto, não é apenas diagnóstico negativo, mas condição para que o pensamento se volte a uma relação não calculadora com o ser.

Comentadores contemporâneos reforçam essa leitura dinâmica. Para Vattimo, a crítica nietzschiana ao fundamento prepara a possibilidade de uma ontologia da abertura: Nietzsche abre caminho para um pensamento que abandona o fundamento (Vattimo, 2010, citado por Maia, 2015). Dessa perspectiva, a técnica não é apenas consumação da metafísica, mas também transição histórica, momento em que o enfraquecimento do fundamento permite que o ser não se fixe mais como presença estável. A técnica revela-se, assim, ambígua: fechamento e condição de superação.

Esse duplo movimento repercute diretamente na existência humana. Kleinberg-Levin observa que o niilismo técnico produz uma reificação da experiência, reduzindo os entes ao seu aspecto manipulável, embora aquilo que pensamos saber sobre os entes, nunca capta em essência aquilo que eles realmente são (Kleinberg-Levin, 1999). No *Gestell*, o excesso do ente permanece, mas oculto: o mundo aparece de modo unilateral, reduzido ao funcional. Peduti acrescenta que a técnica bloqueia o movimento originário da linguagem: embora a linguagem, ao desdobrar-se como *be-wägen*, nos transforme (Peduti, 2009), no *Gestell* essa transformação é neutralizada, pois a linguagem é reduzida a instrumento de comunicação e controle. O *Dasein* perde assim sua capacidade de resguardar a clareira e torna-se operador da maquinaria global.

A passagem da vontade de poder ao *Gestell*, portanto, não é ruptura, mas continuidade histórica: a consumação da metafísica culmina no enquadramento técnico do real. A técnica moderna é a forma histórica em que o pensamento do ente como valor, força e disponibilidade atinge sua expressão plena. Mas justamente por consumir o fechamento, ela torna visível o limite da metafísica. O *Ereignis* surge como possibilidade de outro envio, em que o ser se dá não como recurso, mas como acontecimento de apropriação.

Em síntese, a transição histórico-ontológica analisada por Heidegger mostra que o mundo técnico não é um fenômeno contingente, mas o desdobramento necessário da trajetória metafísica do Ocidente. A consumação da metafísica — expressa na vontade de poder — prepara o *Gestell*; e o *Gestell*, ao ocultar o ser, expõe também a necessidade de outro início. É na tensão entre perigo e abertura que se inscreve o espaço onde a técnica revela, paradoxalmente, tanto seu domínio quanto sua limitação ontológica.

Com isso, torna-se claro que o *Gestell* não apenas realiza o horizonte aberto pela vontade de poder, mas redefine a própria relação entre o homem e o ser, introduzindo um modo de desvelamento que transforma integralmente o aparecer. É justamente essa reconfiguração — a maneira como o mundo técnico altera a estrutura da experiência e desloca o modo de pertencimento — que a próxima seção examina ao considerar o papel do *Ereignis* e o diálogo com a tradição fenomenológica

4. O comum-pertencer entre homem e ser: Ereignis, Gestell e a tradição fenomenológica

A articulação entre *Ereignis* e *Gestell* situa-se no núcleo do pensamento heideggeriano tardio, pois nela se delineia tanto o destino histórico do ser quanto a posição do homem na época da técnica. O *Gestell* não designa um aparato tecnológico, tampouco um conjunto de objetos manipuláveis; ele expressa, antes, o modo epocal de desvelamento pelo qual o real se apresenta como fundo de reserva, disponível e calculável. Heidegger afirma que o *Gestell* é o modo como o real se mostra e se dispõe como fundo de reserva, disponível e manipulável (Heidegger, 2007). O perigo da técnica, portanto, não reside nos

artefatos, mas em sua essência ontológica: a redução de todos os entes à condição de recurso (Heidegger, 1997). O que ameaça o homem não é a máquina, mas o modo como o ser se retira e o real se impõe como disponibilidade total, obscurecendo a verdade enquanto desvelamento/*Aletheia*.

É nesse horizonte que o *Ereignis* aparece como contraponto decisivo. Longe de funcionar como superação ou antídoto à técnica, o *Ereignis* nomeia uma transformação mais originária na relação entre homem e ser. Em *Contribuciones a la filosofía*, Heidegger escreve: no *Gestell*, o homem é capturado e reduzido à disponibilidade; no *Ereignis*, no entanto, “é trazido de volta ao desdobramento da essência do ser e arrancado das prisões da ‘antropologia’[...]” de modo a se apropriar do homem em sua temporalidade e abertura. (Heidegger, 1989, p. 50) Apropriação aqui não significa retorno nostálgico a um passado pré-técnico, mas instauração de outra possibilidade de habitar, tornada visível precisamente pela crise do *Gestell*. O *Ereignis* revela o caráter ambíguo da retração do ser: ao retirar-se, o ser não abandona o homem, mas o convoca ao cuidado e à escuta.

Comentadores fundamentais reconhecem essa ambivalência. Gadamer afirma que justamente o perigo maior da técnica, ao exibir seus limites, abre espaço para outros modos de desocultamento do ser (Gadamer, 2007). O perigo torna-se ocasião hermenêutica: ao exaurir a lógica da disponibilidade, a técnica mostra seu próprio limite e faz emergir a necessidade de um aparecer não reduzido ao funcional. Jean-Luc Nancy desenvolve essa linha ao sustentar que o espaço do perigo é também a condição para um pensamento de apropriação diversa do ser (Nancy, 2008). Para Nancy, o ser não é fundamento, mas exposição; logo, todo fechamento técnico provoca seu próprio transbordamento. A técnica conduz o pensamento ao limiar onde a exposição se reinscreve, convocando uma experiência do *entre*, da coexistência anterior a qualquer função.

Nesse cenário, a tradição fenomenológica oferece elementos essenciais para compreender a amplitude dessa transformação. Husserl afirma, em *Ideias I*, que todo aparecer se dá de um horizonte de sentido do qual o eu não é criador absoluto (Husserl, 2006). O horizonte fenomenológico indica que o sentido é sempre enviado — e, portanto, antecede a constituição subjetiva. Heidegger radicaliza essa tese ao deslocar o centro do aparecer: não é mais o sujeito quem funda a manifestação, mas o ser que, em cada época, envia o horizonte em que algo pode aparecer. Assim, ele pode afirmar que o sentido do ser se envia em cada época de modo diverso, sendo o *Gestell* a figura epocal da técnica (Heidegger, 2007). A técnica é envio, não construção humana; é acontecimento histórico do próprio ser.

Merleau-Ponty, por sua vez, retoma o tema do horizonte pela via da corporeidade: não há horizonte de sentido apenas intelectual: é o corpo que realiza a abertura ao mundo (Merleau-Ponty, 1999). Ao reconfigurar a forma como o mundo aparece, a técnica transforma, simultaneamente, a experiência perceptiva e afetiva. Romano sintetiza essa modificação ao afirmar que a técnica produz impossibilidade de habitar o mundo de forma demorada e sensível (Romano, 1998). A submissão da experiência ao ritmo da funcionalidade empobrece a percepção, reduzindo-a à eficácia.

Outros fenomenólogos aprofundam o impacto ontológico dessa reconfiguração. Waldenfels observa que o sentido advém de uma exposição que ultrapassa toda antecipação (Waldenfels, 2007). O excesso do fenômeno — aquilo que excede cálculo e previsão — indica precisamente o que o *Gestell* não pode capturar. O *Ereignis*, nesse contexto, não se opõe ao *Gestell* como alternativa externa: ele irrompe dentro do próprio fechamento técnico, abrindo fendas que revelam sua insuficiência. Von Herrmann reforça esse ponto ao sustentar que não há oposição absoluta entre retirada e revelação do ser; o retirar-se é também uma forma de manifestação (Von Herrmann, 2010). A retirada do ser, longe de significar ausência, é chamamento à escuta.

Janicaud compreende o *Ereignis* como restituição do poder de acolhimento do sentido (Janicaud, 1997). O evento não destrói a técnica, mas revela sua impossibilidade de esgotar o aparecer. Marion formula de modo ainda mais incisivo: a fenomenalidade exige abertura a um excesso que permanece inapreensível à função (Marion, 2004). O excesso fenomenal mostra que o real não se submete inteiramente à redução técnica; há sempre um resto, um transbordamento que resiste ao cálculo.

No conjunto dessas reflexões, torna-se evidente que a fenomenologia, rearticulada pelo pensamento heideggeriano, fornece a chave para compreender a ambiguidade essencial do *Gestell*. O *Ereignis* implica uma abertura que antecede toda reflexão, transformando não apenas a estrutura ontológica, mas também o modo perceptivo e afetivo de habitar o mundo (Heidegger, 2007). O colapso do *Dasein* na técnica não é somente conceitual; trata-se de uma reconfiguração profunda da sensibilidade, do corpo e da percepção. Por isso, a fenomenologia mostra que a técnica, embora empobreça o aparecer, prepara simultaneamente a condição para sua reorientação.

Assim, a história da técnica não pode ser reduzida a um processo contínuo de instrumentalização. Como afirma Husserl, ao pensar que os impasses das ciências modernas resultam do esquecimento da originária doação de sentido (Husserl, 2008). Merleau-Ponty acrescenta que o horizonte é sempre histórico e prático, condicionado por esquemas corporais e culturais (Merleau-Ponty, 1999). Heidegger, por sua vez, mostra que *Gestell* e *Ereignis* são modos epocais do envio do ser (Heidegger, 2007); ambos pertencem à história do desvelamento.

Nesse quadro, o comum-pertencer entre homem e ser não é dado, mas tarefa. Não se trata de dominar ou rejeitar a técnica, mas de reconhecer que é aquele que, em sua finitude, pode acolher a doação do ser — que é sempre iniciativa do próprio ser (Heidegger, 2007). Gadamer sintetiza esse horizonte ao afirmar que a técnica permanece sempre aberta à possibilidade de outro envio do ser (Gadamer, 2007). A técnica, como maior perigo, é também o lugar onde “cresce o que salva”: ao consumir-se, convoca o pensamento à escuta, abrindo um novo modo de pertencer ao ser (Heidegger, 2007).

Dessa forma, a análise fenomenológica do *Gestell* e do *Ereignis* permite compreender que a técnica, ao mesmo tempo que fecha o horizonte do aparecer, revela seu próprio limite e convoca o pensamento a uma outra forma de abertura.

É justamente essa tensão — entre fechamento técnico e possibilidade de um novo envio — que fundamenta a discussão seguinte, na qual a técnica será examinada em seu papel de mediação entre metafísica, ser e fenomenologia, evidenciando o ponto de inflexão ontológico do destino do Ocidente.

5. A técnica entre metafísica, ser e fenomenologia: o ponto de inflexão ontológico e a interpretação contemporânea do destino do Ocidente

Pensar a técnica em Heidegger exige ultrapassar qualquer perspectiva instrumental, sociológica ou pragmática. Desde *A questão da técnica*, Heidegger insiste que a técnica moderna não se define pela utilidade de seus dispositivos, mas pelo modo como o ser se desvela historicamente. É por isso que afirma: “[a]rmação significa o modo de desabrigar que impera na essência da técnica moderna e não é propriamente nada de técnico.” (Heidegger, 2007, p. 385). O paradoxo é deliberado: a técnica deve ser compreendida como um modo de desocultamento que fixa a maneira como o ente aparece e, simultaneamente, determina como o homem se relaciona com o mundo. O núcleo do problema é ontológico: a técnica é a forma histórica atual do revelar.

No horizonte metafísico que estrutura o Ocidente desde Platão, o ente é pensado a partir de figuras estáveis — ideia, substância, causa, valor, força. Mesmo quando essas figuras se transformam, o eixo permanece o mesmo: garantir um fundamento último para o real. Parkes observa que Nietzsche leva esse movimento ao extremo ao conceber o real como intensificação e fluxo de forças, convertendo-o em pura disponibilidade (Parkes, 1991). A leitura metafísica do ente como presença constante e manipulável alcança, assim, sua forma extrema. É nesse contexto que se compreende a técnica moderna não como ruptura, mas como desfecho: o instante histórico em que o ente se dá exclusivamente sob o horizonte da disponibilidade.

Vattimo retoma esse diagnóstico de maneira precisa quando pensa a estrutura da técnica não é algo supérfluo que se acrescenta à metafísica, mas o seu desenlace, a consumação do seu percurso e também — como gosta de repetir Heidegger — o seu destino (Vattimo, 1988). A técnica realiza integralmente o que a metafísica instaurara: a absolutização da presença, a conversão do real em recurso. O horizonte metafísico não desaparece na técnica — ele se consoma.

Por essa razão, Nietzsche é figura decisiva nessa genealogia. Safranski observa que sua doutrina da vontade de poder converte a totalidade do real em intensificação, valoração e disponibilidade (Safranski, 2002). Heidegger confirma essa leitura ao mencionar que, com Nietzsche, toda realidade é concebida e dominada como vontade de vontade (Heidegger, 2007). A vontade de poder torna-se cifra do ser: tudo deve poder ser intensificado, manipulado, mobilizado. É justamente essa redução do real à potência de cálculo que prepara o terreno para o *Gestell*, o enquadramento técnico moderno.

Derrida sintetiza esse processo ao dizer que o gesto heideggeriano consiste em encaminhar o logos metafísico, consumado na técnica, rumo à abertura de

um outro pensar (Derrida, 1967). Ora, a técnica marca o fim de um ciclo e, simultaneamente, o limiar de outro.

Essa leitura é reforçada pela análise de Figal, para quem o *Gestell* constitui uma forma extrema de mundo, na qual as possibilidades de aparecer são definidas por critérios de cálculo, previsão e controle (Figal, 2016). No *Gestell*, o mundo deixa de ser horizonte de sentido para tornar-se campo operacional. O que aparece já aparece como recurso, e o que não pode ser calculado simplesmente não comparece enquanto real. O empobrecimento ontológico é evidente: a verdade do ser se reduz ao que pode ser manipulado.

No plano existencial, essa transformação repercute diretamente na condição do *Dasein*. Dreyfus, corroborando com Heidegger tardio, observa que no mundo técnico o homem perde a clareira do ser, tornando-se funcional e disponível — fenômeno que sintetiza como colapso operativo existencial (Dreyfus, 1998). Não se trata de destruição da subjetividade, mas de sua conversão em mecanismo de operação. Heidegger mesmo diz que o domínio da armação ameaça com a possibilidade de que a entrada num desabrigoar mais originário possa estar impedida para o homem (Heidegger, 2007). A técnica redefine o espaço da ação humana e esvazia a abertura originária.

Contudo, essa consumação extrema não bloqueia necessariamente a possibilidade de reorientação. A fenomenologia contemporânea insiste que, no interior da própria técnica, emergem limites que apontam para outra forma de aparecer. Marion, por exemplo, afirma que é nesse excesso da técnica que pode aparecer um fenômeno saturado, ou seja, um dado que excede todo controle e cálculo conceituais (Marion, 2004). A saturação fenomenal rompe o enquadramento e revela que o real não pode ser totalmente capturado pela operação técnica. Romano reforça essa leitura ao dizer que a fenomenologia, ao radicalizar a atitude de abertura, permite que se torne visível esse deslocamento fundamental do aparecer (Romano, 1998). A técnica, ao impor uma forma de aparecer, também denuncia sua própria insuficiência.

É precisamente nesse limite que o *Ereignis* surge como ponto de inflexão ontológico. Heidegger define-o como o acontecimento através do qual homem e ser se pertencem um ao outro (Heidegger, 2007). O *Ereignis* não é evento cronológico, mas transformação epocal da relação entre homem e ser. Ele desloca a compreensão metafísica da presença para uma co-pertença originária. Nancy, aprofundando essa leitura e observa que com o *Ereignis* a abertura não é mais fundada na presença, mas na co-pertença originária, no encaminhamento mútuo de homem e ser (Nancy, 2002).

A fenomenologia tecnológica de Ihde confirma esse deslocamento ao mostrar que os dispositivos técnicos são mediadores do aparecer, e é preciso pôr em questão como eles delimitam o campo da experiência (Ihde, 1990). A técnica molda aquilo que aparece e, portanto, participa da constituição do mundo vivido. Não há acesso ao real sem mediação — e é justamente por isso que a técnica, ao saturar a mediação, revela o limite da representação e convoca à abertura.

A técnica, portanto, é destino e inflexão: destino porque consome a metafísica, inflexão porque revela seu limite. Por essa razão, Heidegger diz que a

verdadeira tarefa é aprender a escutar o envio do ser, e anular o controle e o planejamento como únicos caminhos possíveis (Heidegger, 2007). O destino do Ocidente, ao culminar no *Gestell*, abre ao pensamento o desafio de outro início — não mais calculador, mas apropriador.

Assim, compreender a técnica em Heidegger significa reconhecer que o problema é fundamentalmente ontológico e fenomenológico. A técnica é o modo como o ser se envia hoje. E é nesse envio que se anuncia, simultaneamente, o limite da metafísica e a possibilidade do *Ereignis* como nova abertura. O fechamento prepara o início; o perigo convoca a escuta.

Dessa perspectiva, a técnica revela-se não apenas como consumação metafísica, mas como lugar crítico em que o destino do Ocidente se torna visível e questionável. É justamente essa dupla face — fechamento e abertura — que prepara o terreno para as considerações finais, nas quais a articulação entre técnica, *Ereignis* e fenomenologia será retomada como eixo interpretativo do futuro do pensar.

6. O acontecimento-apropriativo como possibilidade de superação da era da técnica: entre o Ereignis e o Gestell

Compreender a técnica moderna dentro do pensamento heideggeriano exige situá-la no horizonte mais amplo da história do ser. O diagnóstico contemporâneo — amplamente tematizado por Kleinberg-Levin — indica que vivemos em uma época de niilismo que Heidegger define em termos do *Gestell*, época marcada pela total reificação dos entes, submetendo-os à imposição de nossa vontade de poder (Kleinberg-Levin, 2020). A reificação não elimina o excesso do ente; apenas cega o olhar para ele. Como o próprio autor enfatiza, os entes necessariamente excedem o que podemos saber deles e são intrinsecamente mais ricos em significado do que somos capazes de reconhecer (Kleinberg-Levin, 2020). A técnica moderna, ao converter o ente em recurso, denuncia-se como forma radical de esquecimento; e a tarefa essencial do pensamento torna-se, então, a de manter o ser em mente (Kleinberg-Levin, 2020), isto é, resguardar a abertura que permite ao real aparecer para além da funcionalidade.

É nesse contexto que a máxima hölderliniana — retomada por Heidegger inúmeras vezes — assume força decisiva: onde há perigo, cresce também o que salva. Peduti sublinha corretamente que Heidegger não condena a técnica por razões morais, mas por seu impacto ontológico: a preocupação não é a de um fim terrenal, mas a de não ouvir o Silêncio do Ser na maquinação (Peduti, 2009). Mesmo assim, é precisamente dentro do perigo que o salvador cresce: a técnica revela-se perigosa ao reduzir tudo ao manipulável, mas é justamente essa redução que expõe, por contraste, aquilo que a técnica nunca pode dominar, uma vez que mesmo sob o império do *Gestell*, o desvelamento essencial não desaparece — apenas se retrai. Essa retração torna-se o ponto de abertura para o *Ereignis*.

A virada do pensamento heideggeriano após *Ser e tempo* aprofunda essa compreensão. Kleinberg-Levin observa com precisão que Heidegger substituiu a fenomenologia do Ser pela explicação fenomenológica do *Ereignis*, tornando-o o assunto chave e a matéria crucial da fase tardia (Kleinberg-Levin, 2020). Isso implica que o ser já não é pensado como presença, fundamento ou substância, mas como evento, envio, acontecimento. Daí a afirmação, surpreendente à primeira vista, de que o ser desaparece no *Ereignis* (Heidegger, 1989): não porque o ser cesse de valer, mas porque sua verdade só pode ser pensada como movimento de doação e retração. O *Ereignis* é o nome dessa oscilação essencial, na qual o ser se apropria do homem — não como objeto de conhecimento, mas como abertura que o convoca à escuta.

Em *Contribuciones a la filosofía*, Heidegger apresenta o acontecimento como o lugar em que a verdade do ser se dá. A verdade do Ser, na qual e com a qual o acontecimento essencial do Ser se oculta ao abrir-se, é o evento, em outras palavras: o salto para o Ser. O salto atravessa o abismo da cisão (*Zerklüftung*) e, portanto, em primeiro lugar, a necessidade do fundamento do Dasein atribuído pelo Ser. O fundamento da verdade como a verdade do Ser (Dasein). (Heidegger, 1989). A verdade do ser enquanto um duplo movimento de ocultar-se ao abrir-se, indica que o *Ereignis* não é fenômeno temporal no sentido cronológico, mas o próprio espaço originário no qual o tempo histórico se funda. Assim, quer em *Ser e tempo*, quer na *Carta sobre o humanismo*, Heidegger desenvolve a ideia de que a compreensão do ser como projeção é o oposto da subjetivação, pois é a superação de toda subjetividade. O homem não produz o acontecimento: ele é lançado dentro da abertura inaugurada por ele. Assim, a subjetividade moderna — autocentrada e calculadora — é deslocada em favor de uma co-pertença que antecede toda iniciativa humana.

Se o *Gestell* é o modo técnico de desvelamento, a técnica deve ser compreendida como envio, não como produção arbitrária. Heidegger é explícito ao dizer que “[a] armação é um envio <*Schickung*> do destino, assim como todo modo de desabrigar. Destino, neste sentido, é também um produzir, é *ποίησις*.” (Heidegger 2007, p. 388). O *Gestell* não é a última palavra da técnica; é apenas uma configuração epocal dentro de um campo mais vasto de possibilidades do próprio ser. O pensamento do *Ereignis* permite, assim, reconhecer que a técnica moderna — por mais dominante que pareça — não é destino final, mas modo transitório de envio.

Esse deslocamento está intimamente ligado à linguagem. Peduti formula essa relação com clareza ao dizer que a linguagem não simplesmente nos mostra o caminho, mas é um fazer-caminho (*be-wägen*) (Peduti, 2009). A linguagem, enquanto fazer-caminho, transforma aquele que a habita: vemos que o *be-wägen* do Ser como Dizer nos transforma. (Peduti, 2009). A linguagem não é instrumento de comunicação, mas o lugar no qual o acontecimento do ser ressoa. O homem não domina a linguagem: ele é, antes, apropriado por ela e, através dela, introduzido na vizinhança do ser.

A crítica fenomenológica clássica já antecipava esse deslocamento. Em *A crise das ciências europeias*, Husserl descreve como a ciência moderna operou uma

abstração radical do mundo da vida. A matematização produziu “idealidades” que transformaram a forma geral e indeterminada do mundo da vida numa totalidade infinita de objetividades ideais (Husserl, 2008). A ciência moderna, por meio dessas idealidades, tornou possível uma nova espécie de previsão indutiva universal, capaz de calcular até aspectos da experiência nunca diretamente observados (Husserl, 2008). Essa análise antecipa o diagnóstico heideggeriano: a técnica é desdobramento ontológico da matemática moderna, forma histórica de um ocultamento que reduz o aparecer à previsão.

A fenomenologia contemporânea de Marion dialoga profundamente com essa crítica. Ele observa que certos fenômenos dão-se sem reserva e impõem-se no modo do acontecimento (Marion, 2002). Essa forma de aparecer não pode ser reduzida a causas ou conceitos, pois sua doação ocorre independentemente de qualquer fundação. Pois, a apresentação sempre oculta e revela uma invisibilidade (Marion, 2002). O acontecimento saturado, tal como Marion o descreve, aproxima-se da verdade heideggeriana: desvelar-se é sempre ocultar-se, e essa estrutura paradoxal é justamente o traço essencial do *Ereignis*.

A reflexão heideggeriana sobre linguagem reforça essa convergência. Em *A caminho da linguagem*, ao comentar o poema de Hebel, Heidegger afirma que o dialeto é a fonte misteriosa de toda língua amadurecida e que aquilo que está no espírito da língua flui para nós (Heidegger, 2003). Mais adiante, acrescenta que a linguagem transforma tudo no brilho suave da palavra que ressoa tranquilamente (Heidegger, 2003). A linguagem é a própria morada do ser: é nela que o acontecimento se recolhe e se revela, como brilho e como silêncio.

Esse movimento encontra expressão no tema heideggeriano do aprender. Kleinberg-Levin relata que, nas lições tardias, Heidegger descreve o aprender como responder ao que nos dirige — um responder que significa tomar para si a apropriação (Kleinberg-Levin, 2020). O pensar não cria o acontecimento; ele apenas se abre ao envio que o antecede. A compreensão humana, portanto, deve ser pensada como projeção lançada — nunca como origem.

Dessa perspectiva, a superação da técnica não pode ser entendida como rejeição. A técnica não desaparece; ela se reinscreve dentro de uma compreensão mais vasta. Ora, como já debatemos amplamente aqui: a técnica é perigo e poder salvador no Ser (Peduti, 2009). O salto que conduz além da técnica não é técnico, mas ontológico: trata-se de deixar-se apropriar pelo acontecimento, de habitar a linguagem como lugar de revelação, de reconhecer que o ser não se reduz ao disponível. Nesse salto, como diz Heidegger, o fazer-caminho do Ser nos transforma (Heidegger, 2002).

O *Ereignis* torna-se, assim, o nome da possibilidade de superação da era da técnica. Não porque destrua a técnica, mas porque desloca seu domínio. O homem reencontra, no acontecimento, sua capacidade de escutar o silêncio do ser — o silêncio que ressoa antes e além de todo cálculo. Na medida em que aprende a responder a esse apelo, a técnica perde seu caráter absoluto. O destino do Ocidente não se encerra no *Gestell*; ele se abre para outro início — início que só pode ocorrer quando o homem reconhece que o ser, mesmo ocultando-se, ainda ilumina.

Considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste estudo demonstrou que a questão da técnica, no pensamento heideggeriano, não pode ser compreendida a partir de leituras instrumentais, sociológicas ou meramente críticas. Trata-se, antes, de um problema ontológico central, no qual a técnica moderna aparece como etapa decisiva do envio histórico do ser. O percurso interpretativo que começa na leitura heideggeriana de Nietzsche — sobretudo no diagnóstico da vontade de poder como consumação da metafísica — e culmina na articulação entre *Gestell* e *Ereignis* revela que a modernidade técnica é inseparável do destino metafísico do Ocidente.

A técnica, como *Gestell*, não se limita à operação de artefatos ou sistemas; ela define o modo pelo qual o real se apresenta como fundo de reserva, cálculo, operação e disponibilidade. Contudo, esse fechamento não é absoluto. Ao mostrar o limite da objetivação, a técnica expõe também a insuficiência da metafísica e abre, em seu esgotamento, a possibilidade de outro início. O perigo maior — a redução total do ente à funcionalidade — contém em si mesmo o que pode salvar: a emergência do *Ereignis* como acontecimento-apropriativo que desestabiliza o predomínio da representação e convoca o pensamento a uma escuta mais originária do ser.

O estudo apoiou-se em alguns autores da fenomenologia, a fim de ampliar e aprofundar a tese de que a técnica é o modo como o ser se mostra, ao mesmo tempo que representa o esgotamento ontológico que possibilita o emergir de um novo início. Assim, evidenciou-se que o aparecer é sempre situado, histórico, corporal e excedente. Dessa forma, a fenomenologia contemporânea mostra que nenhuma lógica de cálculo pode capturar inteiramente a doação do fenômeno. A técnica estrutura o horizonte do aparecer, mas não esgota o sentido; ao contrário, ao saturar o campo da experiência, revela os pontos de ruptura pelos quais o excesso pode manifestar-se.

Nesse contexto, o *Ereignis* não representa uma alternativa externa ao mundo técnico, mas a possibilidade que emerge justamente de seu limite. Ele reconfigura a relação entre homem e ser, permitindo que o humano deixe de operar como mero agente funcional e reencontre a possibilidade de habitar o mundo como aquele que guarda a abertura. Assim, a superação da era técnica não se realiza por um retorno nostálgico nem por rejeição moral, mas pela transformação ontológica que consiste em deixar-se apropriar pela linguagem, pelo dizer e pela doação silenciosa do ser.

Com isso, torna-se possível afirmar que o destino do Ocidente, tal como descrito por Heidegger, não está encerrado na técnica. A consumação do *Gestell* indica simultaneamente o ápice do esquecimento e a ocasião para um novo início. Pensar esse novo início significa, portanto, reconhecer a técnica como envio, escutar o retraimento do ser e acolher a possibilidade de outro modo de habitar o mundo — um modo em que o brilho discreto da palavra e o relâmpago do acontecimento devolvem ao pensamento sua tarefa mais própria: guardar a abertura.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio (2007). *Profanations*. New York: Zone Books.
- DERRIDA, Jacques (1967). *De la grammatologie*. Paris: Minuit.
- DREYFUS, Hubert (1998). “From Representation to Embodiment: Heidegger’s ‘Copernican Revolution’.” In *Heidegger, Coping and Cognitive Science*, ed. Wrathall e Malpas, 317–330. Cambridge, MA: MIT Press.
- FIGAL, Günter (2016). *Objectivity: The Hermeneutical and Philosophy*. Albany: SUNY Press.
- GADAMER, Hans-Georg. (2007). *Hermenêutica em retrospectiva: Vol. 1. Heidegger em retrospectiva* (M. A. Casanova, Trad.). Vozes
- HEIDEGGER, Martin. (2003). *A caminho da linguagem* (M. S. C. Schuback, Trad.). Vozes. (Obra original publicada em 1959, como *Unterwegs zur Sprache*.)
- HEIDEGGER, Martin, (2005). GA 74, *Über den Anfang*, ed. Alfred Denker. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann.
- HEIDEGGER, Martin. (1989). Contribuciones a la filosofía (Del acontecimiento). *Introducción, traducción y notas de Pablo Oyarzun R. Santiago de Chile, Chile: Contenido*.
- HEIDEGGER, Martin. (2002). *Caminhos de floresta* (pp. 95-138). Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Educação e Bolsas.
- HEIDEGGER, Martin, GA 7, *Vorträge und Aufsätze* — inclui “Die Frage nach der Technik”. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1954.
- HEIDEGGER, Martin, (1968). *Die Kehre [The turning]*. In *Vorträge und Aufsätze* (pp. 37–47). Pfullingen, Germany: Neske. (Original work delivered 1949–1950)
- HEIDEGGER, Martin, (1994). GA 20, *Prolegômenos à História do Conceito de Tempo*, ed. Petra Jaeger. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 3ª ed. rev.
- HEIDEGGER, Martin (2010). *Nietzsche I*, A. M Casanova, Trad. Forense Universitária.
- HEIDEGGER, Martin (2007). *Nietzsche II*, A. M Casanova, Trad. Forense Universitária.
- HEIDEGGER, Martin (1971). *On the Way to Language*. New York: Harper & Row.
- HEIDEGGER, Martin. (2007). *A questão da técnica*. *Scientia studia*, 5(3), 375-398.
- HUSSERL, Edmund (2006). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. São Paulo: ideias & letras.
- HUSSERL, Edmund (2008). *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica*.
- IHDE, Don (1990). *Technology and the Lifeworld: From Garden to Earth*. Bloomington: Indiana University Press.
- JANICAUD, Dominique (1997). *La phénoménologie éclatée*. Paris: L’Éclat.
- Kleinberg-Levin, David Michael (1999). *The philosopher’s gaze: Modernity in the shadows of enlightenment*. University of California Press.
- LÖWITZ, Karl. (2014). *De Hegel a Nietzsche: A ruptura revolucionária no pensamento do século XIX: Marx e Kierkegaard* (F. C. Ramos & L. F. B. Martin, Trans.). São Paulo, Brazil: UNESP
- MAIA, A. G. B. *Dialética, diferença e pensiero debole em Gianni Vattimo*. 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/24154/1/2015_art_agbmaia.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2026
- MARION, Jean-Luc (2002). *In Excess: Studies of Saturated Phenomena*. New York: Fordham University Press.

- MERLEAU-PONTY, Maurice (1999). *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- MÜLLER-LAUTER, W. (1997). *Doutrina Da Vontade de Poder Em* (Vol. 6). Annablume.
- NANCY, Jean-Luc. (2008). *Corpus* (Vol. 4). Fordham University Press.
- NANCY, Jean-Luc (2002). *La création du monde ou la mondialisation*. Paris: Galilée.
- PARKES, Graham (1991). *Composing the Soul: Reaches of Nietzsche's Psychology*. Chicago: University of Chicago Press.
- PEDUTI, João (2009). *Silêncio do Ser e Máquina Moderna*. São Paulo: Loyola.
- ROMANO, Claude (1998). *L'événement et le monde*. Paris: PUF.
- SAFRANSKI, Rüdiger (2002). *Nietzsche: A Philosophical Biography*. New York: W.W. Norton.
- VATTIMO, Gianni (1988). *La fine della modernità*. Milano: Garzanti.
- VON HERRMANN, Friedrich-Wilhelm (2010). *Hermeneutik und Reflexion*. Frankfurt am Main: Klostermann.
- WALDENFELS, Bernhard (2007). *Antwortregister*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.